

Sertanejos 'Made in Angola'.

José Bento Rosa da Silva.

Resumo:

O artigo investiga a representação do sertanejo construído pela escritora portuguesa, Maria Archer acerca dos colonizadores lusos em território africano, no caso específico Angola, denominado por ela de 'sertanejos. A partir da sua literatura, ela idealiza, na década de vinte e trinta do século XX, figura do colonizador português como 'um homem forte' e destemido em terras africanas desde o século XIX.

Palavras- chave: angolano, colonizador, português.

Résumé:

L'article étudie la représentation du sertanejo construit par l'écrivain portugais Maria Archer au sujet des colonisateurs portugais en territoire africain, dans le cas spécifique de l'Angola, dénommé par elle de 'sertanejos'. De sa littérature, il idéalise, dans les années vingt et trente du vingtième siècle, la figure du colonisateur portugais comme «un homme fort» et intrépide en terre africaine depuis le XIXe siècle.

Mots-clés: Angolais, colonisateur, portugais.

1. Os Boletins lusos e Maria Archer: à guisa de introdução.

A produção literária Cadernos Coloniais, objeto de nossa investigação, estava inserida no conjunto da produção impressa do império português relacionada às suas colônias na África e no Oriente. Estes se encontram disponíveis no sítio eletrônico produzido pela Universidade de Aveiro (Portugal), juntamente com a Fundação Portugal/África. Seu acervo diz respeito à documentação dos atuais países africanos e asiáticos que foram colônias de Portugal. A série de publicações denominada Cadernos Coloniais, publicadas entre 1920 e 1960, com cinquenta e oito números.

É importante notar que estas publicações foram produzidas a partir das colônias, com o objetivo de fazer propaganda sobre os atos do governo português realizados nas referidas colônias, ou seja, um discurso celebrativo do que seria o processo civilizatório português, nas citadas colônias, mais tarde denominadas províncias do Ultramar . Neste sentido, estes periódicos tinham uma função: criar um consenso acerca da relação entre metrópole e colônia. Para usar uma expressão de Althuser, os periódicos eram aparelhos ideológicos do estado. No caso português, talvez estivesse aí a gênese do discurso do luso tropicalismo.

O Boletim Da Agência Geral das Colônias, que posteriormente passou a se chamar Boletim Geral das Colônias (em 1935) e mais tarde Boletim Geral do Ultramar, caracteriza os objetivos desta literatura: "órgão oficial da ação colonial portuguesa, propõe-se fazer a propaganda do nosso patrimônio colonial, contribuindo por todos os meios para o seu engrandecimento, defesa, estudo das suas riquezas e demonstração das aptidões e capacidade colonizadora dos portugueses"[1]. Portanto, a visão e a ação do colonizador sobre o colonizado, estas informações nos serão úteis na medida em que forem lidas a contrapelo, sob o risco de se tornar novamente a

[1] Apresentação do Boletim Geral das Colônias. Disponível em: <http://memoriaafrica.ua.pt/collections/BGCBGU/tabid/176/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso: 10.08. 2016.

glorificação do colonizador. Neste sentido um teórico que pode nos ajudar nesta empreitada é Walter Benjamim e os que dialogam com a temática análise de discurso[2]

Orlandi nos adverte que além das formas do discurso, é preciso observar as formas do silêncio[3]; neste sentido, observamos a ausência de resistência dos colonizados na visão dos colonizadores, no entanto, no período de publicação dos Boletins, sobretudo a partir dos anos sessenta, várias lutas de resistências e de busca de independências aconteceram nas colônias portuguesas. Elas foram silenciadas nas publicações, como se não existissem. Quando muito, foram considerados atos isolados, ou rebeldias pontuais. Só entenderemos tal postura, se identificarmos cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial dos periódicos, bem como os colaboradores dos mesmos, como sugere Tânia Regina de Lucca, ao abordar os pressupostos teóricos e metodológicos que devemos ter, quando tomamos os periódicos como fontes de investigação histórica[4] .

Na série Cadernos Coloniais identificamos a escrita de vários militares, alguns ex-administradores, e/ou ex-combatentes que estiveram nas colônias no final do século XIX e início do XX, e também literatos como Maria Archer. Na apresentação da coleção encontramos a caracterização dos cadernos: "[...] Abrangeram as diversas colônias, que na altura formavam o Império Português, e os grandes obreiros dessa obra colonizadora [...]".

Duas produções literárias foram dedicadas especificamente à colônia de Angola: Boletim do Instituto de Angola e Boletim Cultural do Huambo. O primeiro tinha como finalidade, segundo os seus editores:

" [...] O Instituto de Angola é uma agremiação cultural que tem por missão estimular as atividades científica, literária e artística em Angola e promover a sua divulgação. Compete-se, assim, pôr todos os seus meios ao serviço da Cultura Portuguesa, reunindo em íntima colaboração os intelectuais que se dedicam ao estudo

[2] Entre eles destacamos: FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996; TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988; ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Unicamp, 2007, dentre outros.

[3] ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. Op. cit..

[4] LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

dos problemas daquela natureza em território angolano, visando a sua expansão e auxiliando o seu desenvolvimento. Cabe-lhe, ainda, promover o intercâmbio com agremiações congêneres da Metrópole, Províncias Ultramar e países estrangeiros. Este Boletim é um documentário destas atividades e serve este elevado propósito. Está, portanto, à disposição de todos quantos queiram colaborar com o Instituto de Angola para a consecução de sua finalidade [...][5] .

Os assuntos são diversos, entre etnografia, história, notícias, poesias exaltando a natureza e as riquezas minerais existentes em Angola e uma "dose" fortíssima de descrição dos costumes exóticos, aos olhos do colonizador.

O Boletim Cultural de Huambo, dirigido pelo Dr. Serafim Dias de Oliveira Molar e sob a responsabilidade dos Serviços Culturais do município de Nova Lisboa, tinha como objetivo:

"*[...] O Boletim Cultural do Huambo pretende ser o arauto de todas as manifestações que, no campo das coisas do Espírito, se realizem em Nova Lisboa e no distrito de que ela é capital, e ser ao mesmo tempo também o arquivo de todos os estudos e trabalhos realizados com o seu melhor conhecimento e valorização. Aspira assim abranger em suas páginas tudo o que possa oferecer algum interesse nos anais culturais do vasto distrito do Huambo: história, etnografia, literatura, medicina, colonização, ciências agropecuárias, economia, etc. [...]"*[6]

Huambo foi uma região onde identificamos muitos movimentos de resistências ao colonizador nos Cadernos Coloniais, como por exemplo, uma grande revolta no ano de 1897, quando os colonizadores tentaram fazer a vacinação compulsória do gado que havia sido afetado por febre. Os nativos tinham seus métodos próprios e não permitiu esta nova modalidade de tratamento. Os colonizadores considerando-os ignorantes deram continuidade ao processo, o que causou grande revolta e repressão por parte do exército metropolitano em Huambo. Os autores se ocuparam em descrever o heroísmo com que as tropas metropolitanas venceram os "indígenas", mas a leitura a contrapelo

[5] BOLETIM DO INSTITUTO DE ANGOLA. Disponível em: <http://memoriaafrica.ua.pt/collections/BIA/tabid/223/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso: 10.08. 2016.

[6] BOLETIM CULTURAL DE HUAMBO. Disponível em: <http://memoriaafrica.ua.pt/collections/BCHuambo/tabid/154/language/pt-PT/Default.aspx>. Acesso: 10.08. 2016.

evidencia a organização e tenacidade dos nativos, para usar uma expressão de Michel de Certeau, “as táticas e estratégias” construídas pelos nativos contra a ação dos colonizadores, que estavam em superioridade em armas, em relação aos colonizados[7].

Foi nesta série também que encontramos as produções de Maria Archer. Mas quem era afinal esta escritora? Filha de portugueses, nascida em 1899, viajou com os pais por várias colônias portuguesas, entre elas Moçambique, Guiné Bissau e Angola. Morou por mais tempo em Moçambique e Angola. Publicou juntamente com pinto Quartim Graça, a obra: Três Mulheres (Angola, 1935). Mas a grande maioria de suas obras sobre África foi publicada em Lisboa: África Selvagem, Lisboa, Guimarães & lda, 1935; Sertanejo, Lisboa, Editorial Cosmos, 1936; Singularidades de Um País Distante, Lisboa, Editorial Cosmos, 1936; Ninho de Bárbaros,Lisboa, Editorial Cosmos, 1936;Angola Filme, Lisboa, Editorial Cosmos,1937; Viagem à Roda de África, romance de aventuras infantis, Lisboa, Editorial O Século, 1938;Colónias Piscatórias em Angola, Lisboa, Cosmos, 1938;Caleidoscópio Africano, Lisboa, Edições Cosmos, 1938;África Sem Luz , São Paulo, Clube do Livro, 1962;Brasil, Fronteira da África , São Paulo, Felman-Rêgo, 1963.

A produção literária de Maria Archer foi bastante diversificada, foi da novela ao romance e deste para o ensaio ou literatura de viagens, chegando mesmo a focar os descobrimentos portugueses. Ela faleceu em Lisboa no ano de 1982[8].

2. Angola, uma parte de Portugal.

[7] Sobre táticas e estratégias. Ver. CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998,3ª.Ed.

[8] http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1431-maria-archer.html. Acessado em 11.08.2016.

Na versão de Maria Archer, como de tantos outros da época, Portugal não era um país pequeno, suas fronteiras se estendiam para Além-Mar. Angola fazia parte de vasto império lusitano[9]. Ela destaca o pioneirismo luso em terras africanas, mesmo nas regiões, onde, na época em que ela escrevia, não pertencia mais ao império português, tais como os territórios pertencentes aos belgas e ingleses. Enfatiza o desbravamento da África-Centro Ocidental foi obra dos lusos, graças ao espírito de colonização inerente ao sangue deste 'povo predestinado' a civilizar. O discurso da mística imperial tão caro aos projetos fascistas dos tempos salazaristas[10].

Na apologia à missão civilizadora, fica evidente a superioridade dos portugueses sobre os indígenas africanos. E mais, ela própria vivenciou a experiência portuguesa nos sertões de Angola, em época posteriores aos dos sertanejos, pode portanto, reviver a epopeia dos antepassados, conversar com alguns velhos sertanejos:

"[...] Vivi um mês no Bié. É o sertão, o autêntico sertão, a seiscentos quilômetros da Costa. Habitei a casa duma granja onde viveria escassa dúzia de brancos. Em redor, pela sanzala, avistavam-se as moradias de centenas de negros inteiramente selvagens.

A vivência que me hospedara era reduto de paz, frágil como ninho, conchegada contra intempéries, mas desleixada em abrigar com muros fortes e portas seguras a defesa do homem contra o homem. As portas e janelas dessa mansão bucólica espelhavam da vidraçaria, como soalheiros de estufa, desprovidas da proteção interior das portas de madeiras. Só vidros para vedar o vento, só cortinas para vedar a luz. A casa confortável, bem recheada, onde havia valores

[9] "O lema ' Portugal não é um país pequeno' foi corrente no Portugal Salazarista. A imagem das colônias e da metrópole sobreposta ao mapa europeu ou norte americano publicada em livros escolares e vendida em cartões postais contribuía para popularizar a idéia de grandeza". In. THOMAZ, Omar Ribeiro. **Ecos Do Atlântico Sul**. RJ: Ed. UFRJ/SP: Fapesp., 2002,p. 230.

[10] Sobre a Mística Imperial. Ver: Nos anos da mística imperial. In. CASTELO, Cláudia. **O Modo Português De Estar No Mundo: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa [1933- 1961]**Porto: Edições Afrontamento, 2011, 2ª.Ed.
Mística Imperial. Autoria de F. Alves de Azevedo, é o número 17 da Coleção Cadernos Coloniais, publicado no ano de 1939.

conhecidos, em plena selva não se praticava o perigo que, nas nossas terras civilizadas, nós sabemos ser de temer e tremer[...]"[11]

A permanência da autora em Bié foi por apenas um mês. A descrição da residência está eivada de contradições: ao mesmo tempo era frágil como um ninho, e uma verdadeira fortaleza com muros fortes e portas seguras a defesa do homem contra o homem, por isso sentira-se mais segura em plena selva, do que na civilização; 'em plena selva não se praticava o perigo que , nas nossas terras civilizadas, nós sabemos temer e tremer'.

Na primeira parte da obra, onde ela disserta sobre Angola na História portuguesa, menciona também a presença portuguesa no Congo em tempos passados. Ali também a ação dos sertanejos foi relevante para a grandeza do império e no 'processo civilizatório' do gentio, inclusive, segundo ela, com a colaboração dos nativos:

"[...] Ano a ano, durante quase um século, sem esboçarem tentativa de conquista, levaram na aventura de suas caravelas os missionários, os artífices, os guerreiros, os colonos, que ergueram o nível cultural do Congo. Com denodado energia construíram, ensinaram, cristianizaram, na bárbara terra dos negros, onde o rei e o povo os queriam [...]"[12].

Posteriormente, continua falando da missão colonizadora de Portugal, incluindo o Brasil. Acrescenta que, após o Congo, teve os portugueses a sorte de encontrar a natureza exuberante e promissora da 'terra brasilis'.

---

[11] ARCHER, Maria. **Cadernos Coloniais, n. 09. Sertanejos**, páginas 04 e 05. In. http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/CadernosColoniais/CadernosColoniais-N09&p=11. Doravante citaremos como. ARCHER, Maria. Sertanejos.

[12] ARCHER, Maria. **Sertanejos**,p.05.
Provavelmente a autora queria referir-se a conversão do rei do Congo ao cristianismo. Se foi isso, ela, não levou em consideração que tal processo pode ter sido uma estratégia, como apontam pesquisas de alguns historiadores. Tanto para o Congo, como para Angola nos tempos da rainha Nzinga.
Sobre esta questão. Ver.THORNTON,John K. Religião E Vida Cerimonial No Congo. In. HEYWOOD, Linda M. **Diáspora Negra No Brasil.** SP: Contexto, 2008.

Fecham-se as cortinas do primeiro ato! O prólogo da construção do português sertanejo nos trópicos estava iniciado, quem sabe inspirada em outras duas obras escritas do lado de cá do Atlântico em fins do século XIX e início do XX.

3. A invenção do Sertão e do sertanejo nas duas margens do Atlântico.

Duas obras imortalizaram as categorias: sertanejo e sertão. A primeira saiu das penas do cearense José de Alencar, no ano de 1875. A segunda, vinte e sete anos mais tarde, advindo das mãos do jornalista fluminense, Euclides da Cunha, em 1902.

Sertão, segundo o historiador Joel Rufino dos Santos, é uma corruptela da palavra desertão, ou seja, em oposição á litoral e/ou civilização[13]. No século XIX e início do XX, quando as duas obras literárias foram forjadas, grande parte do território brasileiro era visto como 'sertão', e consequentemente, seus moradores os sertanejos.

Alencar procurou descrever o homem do sertão através de seus personagens: sua sagacidade para sobreviver num clima adverso, capaz de vencer as intempéries: *"[...]Era o viajante moço de vinte e um anos, de estatura regular, ágil, e delgado de talhe. Sombreava-lhe o rosto, queimado pelo sol, um buço negro como os compridos cabelos que anelavam-se pelo pescoço. Seus olhos, rasgados e vívidos, dardejavam as veemências de um coração indomável[...]"*[14]

O sertanejo, um homem forte, segundo Euclides da Cunha, que o retratou, na condição de correspondente do jornal O Estado de São Paulo, na Campanha contra Canudos[15]. Ele o descreve em oposição ao mestiço do litoral, uma

[13] SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi.** SP: Ed. Moderna, 1985.
[14] ALENCAR, José. **O sertanejo**. Fortaleza: Editora Verde Mares, 1998,p.12.
[15] A frase célebre de Euclides da Cunha é emblemática: "[...]O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. O sertanejo é, antes de tudo, um forte[..]" O Sertanejo. In. CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984,p.51.

espécie de etnografia, no contexto das teorias racialistas advindas do século XIX, como frisou Dante Moreira Leite[16]

Maria Archer, ao descrever os colonizadores portugueses e seus descendentes nos sertões de Angola, também 'carregou na tinta'. E mais, ela os descreveu como alguém que esteve lá, com 'um discurso competente'[17], não por suposição de quem teria ouvido falar, uma espécie de 'testemunha ocular'. Dizemos 'uma espécie' porque ela não estava lá efetivamente na época da empreitada dos sertanejos os quais descreve, mas seu discurso é como se lá estivesse, por ter ouvido narrativas de velhos colonos e/ou seus herdeiros.

3.1. Os sertanejos de Maria Archer.



Um desenho à esquerda, caracterizando o que seria um nativo dos sertões de Angola. Suas características remetem a reprodução iconográfica de um guerreiro zulu. À direita, uma fotografia de um negro [africano] brandindo um arco, fazendo mira para o disparo da flecha certeira. Seria este o sertanejo? Ledo engano! A representação do sertanejo

[16] Sobre esta questão. Ver. LEITE, Dante Moreira. A originalidade de Euclides da Cunha. In. **O Carácter Nacional Brasileiro.** SP: Ed. Pioneira, 1983,4ª.Ed.
[17] Sobre esta questão Ver. CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** SP: Cortez,1981, 1ª. Ed.

de Archer,- embora não se encontre nenhuma reprodução iconográfica na obra -, conforme veremos adiante.

Maria Archer, a partir de três 'ícones' buscou mostrar aos homens de seu tempo, as proezas dos sertanejos, leia-se portugueses e seus descendentes, no coração da África, longe da civilização, da modernidade da época em que ela escrevera. E mais, sua narrativa estava na categoria 'história magistral vitae' , ou seja, os grandes homens e seus feitos do passando a ensinar os homens do presente. Neste caso, ensinando a glória dos colonizadores portugueses contra a barbárie africana. Há aí, uma semelhança com a descrição historiográfica acerca dos bandeirantes paulistas, retratados nos manuais escolares da época em que estudamos no ensino fundamental:

"[...] Conheci em Angola três velho sertanejos, que ainda vivem, homens que correram o sertão em fronteiras, com comitivas feudais de centenas de indígenas, sem companhia de fumbeiros[sic] *armados, pagando portagem aos sobas cujas as terras atravessavam, e tributos pela licença de acamparem e comerciarem nos povoados.*

Vivem anda, e Deus os ajude, muitos desses sertanejos coevos duma época que desapareceu no tempo. Desses que conheci darei breve notícia, relato que mostre aos homens de agora, aos homens que devassam a África com o automóvel e a estrada, o que foi a penetração dos seus sertões, não só nos tempos antigos, mas em épocas que roçam nos nossos dias [...][18]

Os sertanejos de Archer eram capazes de dialogar com os sobas, que em troca lhes cobravam taxas, algumas exorbitantes, segundo ela, e de muitas vezes os colocarem em 'seus lugares' de súditos do império português, ainda que tivessem alguma autoridade local. A autora 'abusou' dos recursos literários ao descrever a luta do sertanejo contra as intempéries, que seja da natureza, ou das gentes, leia-se nativos. O uso dos verbos demonstrando a ação dos sertanejos, o uso de metáforas e outras figuras de linguagem:

[18] ARCHER, Maria. **Sertanejos,** p. 04 e 09.

"[...] Atravessar as demarcadas distâncias africanas com a caravana que se arrasta, se desagrega, desanima, e é mister galvanizar, conduzir, domar, transportar nesse bando de homens ,hidra de mil cabeças, todos os elementos para a vida, o comércio e o êxito –a defesa, a água, os mantimentos, a mercadoria, os utensílios imprescindíveis ao conforto mínimo. Vencer este violento combate contra a terra, os elementos, as coisas, as gentes, combate que chamava à luta todas as energias e garras do homem, foi a vida habitual do sertanejo[...]"[19]

Archer para descrever os sertanejos do outro lado do atlântico, tomou como modelo três velhos sertanejos, como ela própria caracterizou. A partir deles, invocou outros já falecidos, como Silva Porto. Seus protagonistas foram: Adriano dos Santos Gil, Antônio Manuel Moreira e Vaz da Móta . Segundo ela, estes heróis jaziam na obscuridade da História, portanto ela, estava dando a sua contribuição para a visibilidade dos mesmos uma vez que:

"[...] Não é possível erguer na nossa mente, com realismo de figuração cinegráfica o que seja a deslocação duma enorme caravana na cola dum sertanejo, através de terras desmedidas, bravias, ferozes, ignotas.

Era o paradigma miniatural duma invasão babilônica. Supriam recursos ausentes, venciam a passagem de regiões alagadas, penavam em desertos, fragmentavam-se em florestas intrincadas que opõem as massas vegetais como exércitos defensivos do mistério da solidão, salvavam rio largos que nenhuma ponte abarcava, nem vaus facilitavam, infestados de feras repugnantes[...]"[20]

A autora disse ter ouvido as narrativas dos próprios velhos sertanejos, dando a entender que nisto residia a credibilidade das mesmas, afinal, eram velhos experientes que não teriam porque mentir. A descrição de um dos sertanejos de Archer nos dá a medida do que seria sua integridade física e moral. Diz ela:

"[...]Em 1933, quando o vi no sertão de Bié, Antônio Manoel Malheiros era um arcabouço idoso e rijo, de cabelos brancos e olhar inteligente cuidado de aspecto com escrúpulos de dignidade[...]Antônio Manoel

[19] ARCHER, Maria. **Sertanejos**, p.10.
[20] Idem. p. 10 e 11.

Malheiros, o sertanejo isolado, empobrecido, conserva uma extraordinária linha de fidalgo, raça nobre que afirma pela simples presença, 'Alguém'. Fitando-o vinha-me à memória compará-lo com antigos fortins abandonados, derruídos em refregas heroicas, firmes ainda as torres que se mantinham impassivelmente nobre no abandono e na desgraça[...]"[21]

Archer segue descrevendo o cotidiano dos sertanejos, as táticas e estratégias criadas para lidar com os chefes 'indígenas'[sobas] africanos cheios de astúcias e malícias. As qualidades dos sertanejos são construídas em confronto com as dos africanos, ou seja, a identidade elaborada na alteridade, com prejuízo para os africanos. Aliás, há uma obra da mesma autora, denominada Ninhos de Bárbaros, tratando dos africanos.

Depois do panegírico a Antônio Manoel Malheiros, Archer menciona 'en passant' Adriano dos Santos Gil, outro sertanejo exemplar, que apesar de condecorado pelo governo português, ainda, segundo ela, jazia na obscuridade, no auge dos seus setenta e tantos anos:

"[...]Adriano dos Santos Gil é o mais antigo colono de Angola. Vive na Vila General Machado, sem recursos, amparado do amor duma filha casada, que o abriga. Consta que o governo lhe prometeu uma pensão, mas ainda não lhe foi concedida... Lastima-se, e justamente por não ter dinheiro algum, este homem enérgico, com meio século de trabalho útil, antigo guia de expedições militares de reconhecimento e conquistas, sertanejo audaz que devassou a selva, comerciante e agricultor dos velhos tempos difíceis – vencido pela velhice e a ruína, após tamanho ativo bem servir.

Portugal premiou-o, condecorando-o, mas medalha mesmo honrada não paga em todos os casos, as dívidas da gratidão. Adriano dos Santos Gil merece carinho como relíquia: é a única testemunha do passado ilustre que, roçando aos nossos dias, já tem foros de lenda e avultamento de epopeia[...]"[22]

Após esta denúncia-lamento, Archer dedicou dois sub-títulos da obra aos outros dois sertanejos. Ao primeiro, Vaz da Mota, intitulou-

[21] Idem., ibidem, p.11
[22] Idem.,ibidem., p.20-21.

o de ‘ o rei de Moxico’. Silva Porto, falecido na última década do século XIX [1890], e que teve uma morte trágica foi agraciado com o título: Vida e morte de Silva Porto. Apesar ter-lhe tirado a própria vida, foi descrito como um verdadeiro herói, o ato de tirar-lhe a própria vida,- que em outros casos poderia ser visto como ato de covardia - , foi metamorfoseado em ato heroico.

3.2. Vaz da Mota, rei do Moxico.

Este foi o subtítulo por ela escolhido para descrever o que foi denominado um dos grandes sertanejos português em Angola. Ele havia sido, segundo ela, um abastado sertanejo, assim como outros. Fruto do seu trabalho, é óbvio, mas que também contaram com os ‘ciclos’ econômicos favoráveis. Tempos da alta cotação da borracha, do marfim e do café. Ciclos que foram suplantados pela concorrência; dos ingleses com a borracha do Ceilão, e o do café com a produção do Brasil. Tempos das ‘vacas magras’ para os que haviam experimentado a abundância. Tiveram que buscar outras alternativas:*“[...]Empobrecidos ,os antigos sertanejos, os audazes viajeiros*[sic] *dos sertões sugantes, largaram a cartucheira parceirada com o seu comércio de aventura e lenda, abrocharam mais justos o cinturão, e fixaram-se apouco e pouco em pequenos estabelecimentos de cantinas, ou modestas empresas agrícolas[...]”*[23].

Na Era dos Impérios, - para usar uma expressão do historiador Hobsbawm -, os fortes e destemidos sertanejos portugueses foram vencidos pelos empreendimentos modernos, concorrentes. Os ‘caminhos de ferros’ suplantaram as caravanas dos tumbeiros. Os sertanejos passaram a ser, segundo ela, exemploas do passado a ser seguido pelos atores do presente:*”[...]O sertanejo angolano, frater dos bandeirantes, émulo dos Castros fortes, definitivamente passou a ser uma recordação do passado, dessa época prestigiosa das façanhas que a alma de então requeria[...]”*[24]

Para que o leitor que não vivenciou o passado dos sertanejos, e pudessem compreender o sentido heroico de Vaz da Mota, Maria Archer descreve sua chegada à Angolanos idos anos de 1899:*“[...]Vaz da Mota chegou a Angola há quarenta anos, e começou a vida de colono com estabelecimento comercial*

[23] ARCHER, Maria. **Sertanejos**, p.19.
[24] Idem. ,p.20.

em Benguela. Mais tarde meteu-se no mato, quando, já conhecedor d língua e psicologia do gentio[...]Nesses tempos que não havia estradas, nem linhas férreas, nem ocupação efetiva nos sertões[...]"[25].

Mota, segundo a descrição de Archer, representou o tipo português sertanejo nos confins de Angola. Parafraseando Max Weber, 'um tipo ideal', um modelo: *"[...]Vaz da Mota tem a sua alcunha indígena – Cámóta – título de que pode orgulhar-se como de coroa fechada. Sabe dominar o negro por prestígio de homem forte, temível e justo, atirador insigne, caçador destemido, homem d epulso e combate que se mede com feras e homens[...]"*[26]

Vaz da Mota tornou-se um destacado comerciante nos sertões de Angola. A ele recorriam comerciantes da Rodésia, do Alto Zambese, do Congo Belga:

"[...] Vaz da Mota conserva ainda um grande barracão onde vivem alguns dias, descansando, os negros das caravanas que de longe vem comerciar com ele. Alimenta-os, arranja-lhes o batuque, faz da sua vida uma festa. Esta política indígena, profundamente exegética da alma selvagem, deu ao sertanejo a incontestada soberania daquele mundo primitivo [...]"[27]

A decadência do rei do Moxico teria vindo em decorrência das crises 'naturais': *"[...] Lentamente como seca veio de linfa sussurrando em fonte, as caravanas pararam seu correr feirante. E o acampamento do Moxico velho já não é córrego onde escoam comércio nas terras da selva distante[...]"*[28]

Do sertanejo rei do Moxico ficou a descrição do espaço comercial, um lugar de memória para os apologistas dos feitos dos portugueses sertanejos em África. Apologia tão cara aos idealizadores dos Cadernos Coloniais e outros impressos que defendiam com 'unhas e dentes' o colonialismo, ao mesmo tempo em que o governo do império português era acusado, na Sociedade das Nações, de

[25] Idem., Ibidem., p.21.
[26] Idem., Ibidem., p.23
[27] Idem., Ibidem., p. 25.
[28] Idem., Ibidem., p.25.

manter trabalho escravo em suas colônias[29]: *"[...]O seu acampamento tão confortável quanto possível, e onde em tarde amena eu tomei chá servido em mesa cuidada, compõe-se de várias palhotas, espaçosas e limpas, interiormente forradas de esteiras como bocetas empalhadas, desde o teto até o chão. Tem palhotas independentes, espécies de pavilhões, umas para quartos, outras para receber os amigos que hospeda, outras para casa de jantar, sala, etc., e ainda a cozinha, armazéns e garage[...]Esse armazém, quadrilongo, mal apurado e mal medido, onde se realizaram transações de milhares de contos , é ainda o mais importante da terra[...]"*[30]

Archer romantizou o que teria sido a vida deste homem nas adversidades do sertão africano, ao que nos parece, atendendo o sentimento de defesa do lusitanismo de além-mar, e dos sertanejos portugueses do passado:

"[...] Tento perceber a maravilha daquela vida incompreensível, tessitura de dias já desfiados, sobrevivência deslocada no nosso tempo[...]Vaz da Mota, esse originalíssimo padrão duma raça de portugueses que o passado século devorou, não tem a visão, nem a consciência, de quanto anacronismo há no seu acampamento e do seu prestigioso nome de sertanejo[...]"[31]

3.3. Vida e morte de um luso sertanejo.

A partir da tradição oral, Maria Archer procurou ampliar o que já se tinha escrito sobre o 'lendário' sertanejo Silva Porto. Segundo ela, ouvira de pessoas que o teriam conhecido e/ou vivido com ele. Não é demais lembrar que na época em que ela escreveu, a vaga de personalismo e de exaltação de personagens tão caros aos regimes de extrema direita[anos trinta] estava em voga: *"[...]Recordar Silva Porto em pormenores ignorados. Falei com antigos peoneiros do sertão, o major Morais, Antônio Manoel Malheiro, Henrique Fonseca Santos, Vaz da Mota e outros[...]"*[32]

---

[29] Sobre tais acusações. Ver. SILVA, José Bento Rosa da. "**VOLUNTÁRIOS FORÇADOS": Discurso e contradiscurso acerca do trabalho nas colônias lusas – (1925-1935**).Recife: Ed. UFPE, 2016[Ebook].
[30] ARCHER, Maria. **Sertanejos**, p.26.
[31] Idem., p.27.
[32] Idem., Ibidem., p.30.

Após fazer uma ‘arqueologia’ sobre o que já havia sido escrito sobre o sertanejo, Archer descreveu um pouco da experiência do mesmo nos sertões de Angola:

“[...]Depois de curtir e desgastar a ingrata laboriosa vida de fazendeiro africano cultivador infeliz da ‘Bem-posta’[sic],*fez-se negociante de permuta com o gentio, aventuroso viageiro das terras longínquas do marfim. Tempos passados, somados trabalho e reveses, fixou-se no Bié, perto de Ecovongo,a povoação principal do importante soba Dunduma. Para seu abrigo fortificou-se com rija paliçada de pau-ferro, e aí ergueu casa e armazéns. Chamou ‘Belmonte’ a essa povoação semi-gentílica[...]Silva Porto era respeitadíssimo, prestigioso entre o gentio, amigo de sobas importantes, e conduzia superiormente a política indígena nos planaltos e sertões adjacentes do Bié, facilitando com sua influência a fixação dos comerciantes brancos na vasta região em que seu prestígio era acatado. Esse prestígio e essa influência eram os pilares da sua razão de viver,base moral da sua ama, améola e alegria duma velhice que consumira energias moas a construir essa deificação[...]”*[33]

Por volta de 1890, Silva Porto já septuagenário, entrou em desacordo como o soba Dunduma. Segundo Archer, ele foi vítima da inveja de três comerciantes portugueses estabelecidos na região, ajudados pela funesta atividade de um missionário americano. Silva Porto tentou evitar um confronto direto com o soba através de um diálogo. Para isso foi pessoalmente a Ecovongo, *“[...] intentando convencer o irritado soba[...] mas o soba não confiou dele crédito, na sua frente levantou medonha cena de impropérios, insultou-o, esbravejou que nem danado benzido, e puxou-lhe pelas barbas brancas, como suprema afronta a homem velho e sem vergonha[...]”*[34]

Este acontecimento teria sido o ocaso de Silva Porto. Ferido no seu âmago, ainda que um sertanejo de têmpora forte e esguio, não suportou tal afronta. Talvez o desfecho teria sido outro, não estivesse ele avançado em idade. É o que sugere a descrição heroica de sua saída da vida, feita pela autora. Ele, ao chegar em casa, agarrou-se ao barril de pólvora, com uma das mãos ascendeu o pavio e voou pelos ares. O estrondo foi

[33] Idem., Ibidem.,p.34-35.
[34] Idem., Ibidem. p.37.

tamanho que muitos acorreram ao local para saber o que estava acontecendo. Vejamos a descrição:

"[...]De volta, Silva Porto fechou-se no quarto, calando a vergonha e o descalabro dos seus planos; isolou-se nas sombrias contemplações das ruínas do seu prestígio de semi-deus da selva, caindo, como catedral desabada, sobre as ruínas do corpo quebrado pela velhice. Depois da alucinação da dor, a agonia da vida esvaziada dos íntimos arroubos, o desespero de homem que foi grande e não quer perder na morte o cunho raro e pessoal, levam-no a envolver-se romanticamente na bandeira da pátria – ascese derradeira, gesto do último silêncio,- e a suicidar-se sobre barricas de pólvora a que ele mesmo largou fogo[...] Encontraram Silva Porto moribundo, entre os destroços da casa. Pouco dias depois, varado de todas as dores, morreu[...]"[35]

A construção da morte heroica de Silva Porto pelas penas de Archer, evidentemente não foi fruto de sua observação, foi sim, a partir de relatos e de escritos de outros interessados em construir uma representação idealizada dos sertanejos 'made in África', no contexto da propaganda visando manter a integridade do império português a partir da década de trinta do século XX.

É importante salientar que Archer viveu em terras africanas. Teve, portanto, a possibilidade de romantizar os lugares por onde Silva Porto, o herói sertanejo teria vivido.

"[...] E no próprio chão da sua casa, sobre a terra em que ele morreu[...] a população do Bié fez erguer, há poucos anos, um modesto padrão de pedra, com inscrição de honra e homenagem ao grande português sacrificado, na vida e na morte extraordinária[...]Estive junto da stela que recorda, presentes e a vindouros, o nome e feitos de Silva Porto. Pisei o chão que seus pés pisaram, chão da pátria, terra sacrossanta de Angola, dobrando minha alma em preito ao lugar de memória augusta, ao campo regado de sangue, à necrópole ferida de

[35] Idem., Ibidem., p. 37-38.

abandono e devastação. Vi os horizontes que deleitaram as nostalgias do herói, caiu sobre mim a sombra das árvores que se acolheu[...]"[36]

4. O grande final: à guisa de conclusão.

Na concepção de Archer, a morte de um herói não devia ficar impune, ainda que ele tenha morrido bravamente. Logo, ela tratou de narrar a forma como 'as forças da natureza', representadas pelos sertanejos daquele tempo, puniram o soba Dunduma, o responsável pela tragédia ocorrida com o suptuagenário Silva Porto. Outros destemidos sertanejos fizeram justiça a Silva Porto, vingando sua morte.

"[...] Meses passados, em dezembro de 1890, foi vencido em Ecovongo o soba Dunduma. Tomaram a sua capital, vasto povoado com cerca de três mil quilômetros de periferia, incendiaram as sanzala e dispersaram os seus guerreiros. Quando o prenderam deportaram-no para Cabo Verde. Comandava essa expedição para o castigo do soba e a conquista do Bié, Arthur de Paiva. No caminho. No caminho encontraram Paiva Couceiro, de regresso de sua missão longínqua, num lamentável estado de doença e miséria – esfarrapado, esfomeado, sem munições e trespassado de malárias. Paiva Couceiro comandou a artilharia no combate de Ecovongo, e também Teixeira da Silva acompanhou a coluna que vingou Silva Porto[...]"[37]

A obra, Sertanejos, publicada nos Cadernos Coloniais, datada do ano de 1939, quando as ideologias de extrema direita grassavam pela Europa e fora dela, foi, com certeza, um incentivo à Mística Imperial lusa como sugere as frases finais da obra: "[...] Sertanejos... Sertanejos de ontem e de hoje. Esforços, combates, sangue, vidas... o preço da ocupação de Angola[...]"[38]

5. Referências:

[36] Idem., Ibidem., p.40.
[37] Idem., Ibidem., p.39.
[38] Idem.,Ibidem., p.46.

5.1. fontes.[sites eletrônicos]

http://memoriaafrica.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/CadernosColoniais/CadernosColoniais-N09&p=11.

http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1431-maria-archer.html.

http://memoriaafrica.ua.pt/collections/BCHuambo/tabid/154/language/pt-PT/Default.aspx.

http://memoriaafrica.ua.pt/collections/BGCBGU/tabid/176/language/pt-PT/Default.aspx>.

http://memoriaafrica.ua.pt/collections/BIA/tabid/223/language/pt-PT/Default.aspx>.

5.2. Livros:

ALENCAR, José. **O sertanejo**. Fortaleza: Editora Verde Mares, 1998.

CASTELO, Cláudia. **O Modo Português De Estar No Mundo: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa [1933- 1961]**Porto: Edições Afrontamento, 2011, 2ª.Ed

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. Vols. 1 e 2.** Petrópolis: Vozes, 1998,3ª.Ed.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** SP: Cortez,1981, 1ª. Ed.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola.

HEYWOOD, Linda M. **Diáspora Negra No Brasil**. SP: Contexto, 2008.

LEITE, Dante Moreira. A originalidade de Euclides da Cunha. In. **O Carácter Nacional Brasileiro**. SP: Ed. Pioneira, 1983,4ª.Ed.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: Unicamp, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi.** SP: Ed. Moderna, 1985.

SILVA, José Bento Rosa da. **"VOLUNTÁRIOS FORÇADOS": Discurso e contradiscurso acerca do trabalho nas colônias lusas – (1925-1935).**Recife: Ed. UFPE, 2016[Ebook.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Ecos Do Atlântico Sul.** RJ: Ed. UFRJ/SP: Fapesp., 2002.